

## Reflexões

### O futuro do passado Primeira parte

*El tiempo del viejo es el pasado (...) Mientras que el mundo del futuro está abierto a la imaginación, y ya no te pertenece, el mundo del pasado es aquel donde a través de la remembranza te refugias en ti mismo, retornas a ti mismo, reconstruyes tu identidad, que se ha ido formando y revelando en la ininterrumpida serie de todos los actos de la vida, concatenados entre sí, te juzgas, absuelves, te condenas, y también puedes intentar, cuando el curso de la vida está a punto de consumarse, trazar el balance final.*  
(Norberto Bobbio)<sup>1</sup>

*Sueñan mucho los que han vivido mucho: los viejos.*  
(Antonio Porchia)

*Delmino Gritti*

A ciência fala hoje em pistas da imortalidade. Descobriu o papel que desempenham “os radicais livres” do oxigênio, subprodutos do metabolismo e que são muito agressivos ao material genético. O descobrimento feito por um grupo de investigadores ingleses e norte-americanos, e experimentado em minhocas e vermes, foi batizado com o nome de *caenarhabditis elegans*. Uma molécula que se protege contra o estresse oxidativo tem permitido alargar a esperança de vida das mencionadas minhocas e vermes em 67%. O elixir da eterna juventude está prestes a ser descoberto, dizem eles. Michael Zey, professor da Montclair State University, afirma: “*Acredito que estamos batendo às portas da eternidade*”.

Talvez, num futuro próximo, a partir da engenharia genética o homem deixe de ser uma criação da natureza, do acaso ou de Deus (consoante as concepções religiosas ou filosóficas de cada um), passando a ser um artigo industrial. As tentações que o imenso poder da biotecnologia representa são irresistíveis. Que poderá acontecer? A ciência ainda se move sob hipóteses.

Na medida em que a proporção de velhos na população aumenta, o problema da velhice atrai a atenção ansiosa de pesquisadores, médicos, demógrafos, psiquiatras, sociólogos, reformistas sociais, políticos (hoje no Brasil e em vários países do mundo a reforma da Previdência) e futurólogos.

Atribui-se falsamente à medicina moderna o aumento da expectativa de vida; no entanto, ela diz que tem o poder de estender a vida ainda mais e abolir os horrores da velhice. Sabe-se que desde 1978 surgiram 30 novas enfermidades e reapareceram algumas controladas. Na verdade, o aumento da expectativa de vida é consequência de um padrão de qualidade de vida mais elevado.

Esse discurso dominante sobre a velhice é na realidade um discurso social biologizado, que tende a naturalizar a velhice para melhor esquecer ou negar sua natureza sociopolítica. Ao naturalizar a velhice estamos esquecendo que boa parte de nossos semelhantes passa, sua curta e explorada vida, arrastando-se como vermes, enquanto uns poucos sonham com a imortalidade.



Nas comunidades primitivas indígenas, e no oriente em alguns povos, quase sempre os velhos foram e são partes vitais da vida comunitária. Viviam e vivem rodeados de crianças. Estiveram e estão sempre presentes em todos os acontecimentos; se diz que o velho volta à infância. Juan Goytisolo, referindo-se às pessoas velhas nos países árabes e especificamente no Marrocos, onde vive há mais de 20 anos, afirma:

No Marrocos, quando se vê, por exemplo, uma pessoa abandonada é porque não tem família. Tenho vivido bastantes anos nos EUA e pude ver a terrível solidão dos velhos. Muitos só são visitados pelos seus filhos uma vez por ano, no Dia dos Pais ou das Mães. Aqui os jovens vivem com seus pais e avós, inclusive com suas madrastas e padrastos. Ninguém cogita abandonar uma pessoa velha. Entre ser pobre no Marrocos e ser pobre nos EUA não há a menor dúvida de que é muito melhor o primeiro. O pobre sempre teve um estatuto bem definido dentro do islã: a sociedade se responsabiliza, o respeita, e as pessoas são muito caridosas. Nos EUA, as pessoas velhas que vivem nas ruas não podem esperar nada de ninguém. Há uma indiferença total.

Nessa cultura a maturidade é coisa digna.

Na velhice  
O rosto não tem mais residência.  
Só na velhice conheci o brio  
De viver com vagar.

Partimos quando nascemos,  
Andamos enquanto vivemos  
E chegamos  
E o tempo que fenecemos.  
Assim que quando morremos  
Descansamos.  
(Carpinejar)

Sempre que as pessoas não tinham tarefas, sentiam-se felizes passando horas sentadas a conversar em paz consigo mesmas e com o mundo. Por que hoje temos que nos manter sempre ocupados ou entretidos? Mesmo assim nos

sentimos muitas vezes anestesiados, desassossegados, apreensivos e irritados.

O medo de nossa solidão só pode ser vencido depois de um corpo a corpo com a total nudez da alma. *Fazer horas*, dizemos quando não temos nada que fazer - pausa de espera ou vazio não previsto - para isso há lugares idôneos, que o digam os que frequentam os bares, por exemplo, ainda que ali o tempo morto acabe muitas vezes em tempo vivo e, inclusive, pode deixar de ser espera. O bonito nessas horas é ver o tamanho da amizade e a reserva de humor que a gente tem. Para muitos, os bares são realmente como navegações pessoais. Ninguém está livre de tropeçar com alguém poeta ou tornar possível uma nova amizade. Por que não?

Há beleza em todas as partes, mas há mais beleza nos lugares onde experimentamos essa sensação de alívio que consiste em não ter que adiar os próprios sonhos a um incerto futuro que se distancia inexoravelmente. Creio também que é preferível, e muito mais enaltecedor, uma solidão povoada de lembranças do que uma promiscuidade física opaca e insignificante, ouvindo palavras vazias, inúteis.

Penso que esse ruído da alma nos faz bem, e o nosso coração refletir-se-á no nosso rosto, e nos nossos olhos haverá uma festa para expor nossa loucura, desnudá-la, compartilhá-la com todos. Talvez estejamos todos fazendo isso o tempo todo. Talvez alguns se arrebetem, sejam sufocados, acabem explodindo. Seja essa condenação ou nossa busca de santidade e o coração crescerá de todos os lados. Bruna Lombardi, no seu belo livro *Diário do Grande Sertão*, diz:

Não cultivar a expectativa do medo ou do cansaço. Se você escala uma montanha enorme, você não pode ficar olhando pra cima, pro que falta ainda pra subir e nem para baixo, que pode dar vertigem. Você se concentra onde está no momento do próximo passo. A vida é aqui e agora, pra baixo não olho, pra cima não posso ver. Desfruto o prazer do trajeto. Fazer é ir fazendo.<sup>2</sup>

Viver felizes todos queremos, no entanto descobrir o que faz a vida realmente feliz poucos procuram; se procuramos, muitas vezes nos encontramos perdidos diante da avalanche de *pílulas de felicidade* que a sociedade de consumo oferece e impõe. Há um provérbio chinês que diz:

Se você quiser ser feliz por uma hora, coma bastante. Se você quiser ser feliz por um dia, beba bastante. Se você quiser ser feliz por um mês, case-se. Mas se você quiser ser feliz para sempre, plante.

Lembro Afonso de Aragon, sábio espanhol que tinha por costume dizer para amenizar a "velhice": "*A velhice é admirável em quatro coisas: na lenha em que*

*se há de queimar, no vinho em que se há de beber, nos amigos que merecem confiança e nos livros que temos que ler.*<sup>3</sup>

Eis um belo poema de Adélia Prado no que diz respeito a *fazer horas*:

Nas praças  
Os velhos aparecem como gatos  
Quando há sol.  
Quem adivinha sua biografia?  
Viúvos e aposentados  
Formam grupos em bancos  
Onde antigamente sentavam os  
Namorados.  
Conversam,  
Cheios de certezas e mofos e  
Prudência que os anos lhes ensinaram.  
Nos jogos de cartas  
Formam arquipélagos de conspiração de naipes,  
Alheios à alegria que anda ao seu redor,  
Matando o tempo que lhes resta.  
Consumidos por catarros e cautelas  
Entregues estão a uma  
Estancada obstinação.  
A idade não lhes dará mais  
Triunfo em sua vida  
Com sensatez e resignação,  
O horizonte é breve.  
Entregues a uma  
Confabulação marginal  
No topo do mundo  
Que já não lhes pertence e  
A ruminar a imensa solidão  
E esperar a chegada da grande sombra.<sup>4</sup>

Os gregos chamavam a morte de irmã do sono e filha da noite. Ela é uma mulher da família. Comemos com ela. Daí a julgá-la simples, frequentável e mesmo amável.

É engraçado pensar que o que há de mais interessante na vida de um ser humano é a morte, e, em uma obra, sua interrupção. O sofrimento e a morte têm a cruel verdade de nos restituir a nós próprios. E como disse L. Wittgenstein, *“a morte não é nenhum acontecimento da vida. A morte não se vive”*. Sabemos que se deve morrer, por que escolhemos caminhos tão desagradáveis para chegar à morte?

Lembro aqui uma passagem da vida de Alexandre Dumas, escritor francês. Dizia que não tinha medo da morte. *“Ela me será suave”*, dizia ele, *“porque eu lhe contarei uma história”*.

Quanto mais civilizados somos, mais rechaçamos a morte. Para o homem do campo e para os antigos habitantes da terra, a vida e a morte estavam situadas no mesmo plano. O homem da cidade, ao contrário, deixa de lado a morte, a escamoteia e, mais ainda, agora a morte é administrada pela medicina, sua burocratização. A morte natural foi substituída pela morte clínica, solitária, vergonhosa e absurda. O homem moderno nasce no hospital, é atendido no hospital, quando está doente é examinado no hospital para comprovar se está com saúde, e é devolvido ao hospital, na maior parte das vezes para morrer.

Rilke, sentindo a morte aproximar-se, pediu para sua enfermeira “Nike” (Wonderly Volkar), que o ajudasse a ter uma morte adequada: *“Não quero a morte dos médicos - quero minha liberdade. Ajuda-me a morrer de minha morte”*.

Señor, da a cada cual la muerte que le es propia  
El morir que da aquella vida nace  
En el que tuvo amor, sentido y pena.

A morte hoje não é mais um desfecho natural, mas falência da técnica. O nosso encontro com a morte tem muito a ver com a forma como foi nossa vida.

Por isso o dito homem civilizado, principalmente o ocidental, ao sentir-se mal procura logo o médico, o farmacêutico. Na verdade, trata-se do terror ao sofrimento. E o sofrimento nos ensina muito porque a dor fertiliza. Só na dor e sofrimento nos aproximamos de verdade de nossos semelhantes, e só então nossa vida será digna e bela. Na viagem adentro nunca se perde o caminho.

É natural temer a morte. E na sociedade capitalista tecnocrática, que eliminou completamente o sentimento do sagrado, o temor é maior ainda. A velhice inspira apreensão não só porque representa o início da morte, mas porque as condições da maioria das pessoas velhas hoje têm se deteriorado muitíssimo. No entanto, na sociedade altamente tecnificada, que sempre diz que o desenvolvimento tecnológico vai dar respostas a todas as necessidades do ser humano, o que vemos é cada vez mais miséria moral.

A atual tecnologia pode, por outro lado, tornar a terra inabitável se os processos que a história humana domina não forem modificados agora. E muito antes que o planeta torne-se inabitável, ficaria mergulhado numa insatisfação tão penetrante que o desassossego social alcançaria proporções descomunais. Lembro o que disse o grande chefe Seattle – que era sábio, bondoso e tinha espírito - num discurso para os brancos sobre a terra e o respeito que ela merecia:

Vós deveis ensinar aos vossos que a terra, sob os seus pés, é feita de cinzas dos nossos avós. Para que eles a respeitem, dissei aos vossos filhos que a terra é rica de vida do nosso povo. Ensinai aos vossos filhos o que nós ensinamos aos nossos: que a terra é nossa mãe. Tudo o que acontece à terra acontece aos filhos da terra. Quando

os homens escarram sobre a terra é sobre si próprios que escarram.

Diante da realidade tão atroz que vivemos hoje, podemos concluir dizendo que tudo isto que esta sociedade supertecnificada produziu nos engolirá. *“Vocês da civilização morrerão sufocados pelo lixo que produzem”*, concluiu o índio Seattle.

Na relação morte e natureza, cito dois exemplos de mortes belíssimas e serenas: Guy de Maupassant queria que o pusessem em contato direto com a terra, com as árvores e os cães. Desejava que após a morte seu corpo fosse se reunir à mãe Terra, para que, como escrevera havia pouco diante dos despojos de Victor Hugo, *“as raízes das plantas e das árvores viessem buscá-lo, pegando-o, transformando-o até a superfície e pondo-o novamente em contato com o Sol e com a brisa”*. O mesmo o quis José Lutzenberger, ecologista que muito lutou para que o ser humano respeitasse a natureza.

O homem primitivo sentiu ter cumprido a sua tarefa, ficando assim preparado para aceitar a velhice e a morte: envelhecer bem como os elefantes, que não se queixam do peso dos anos, nem das rugas que têm, e quando percebem a hora da morte, caminham pausadamente para um certo lugar - *o cemitério dos elefantes* - para aí morrer.

Clarice Lispector toca justamente na grandeza existencial ao dizer:

Conseguirei captar o regozijo infinitamente doce de morrer? Ah, como me inquieta não conseguir viver o melhor, e assim poder enfim morrer melhor. Como me inquieta que alguém possa não compreender que morrerei numa ida para uma tonta felicidade de primavera perfumada de amor. Morta e exalando a alma viva.<sup>5</sup>

Não compreendemos a morte, só devemos aprender a aceitá-la. A história de Édipo e a Esfinge tem algo a dizer a respeito. Ela havia provocado uma peste na terra, e a única maneira de erradicá-la era resolver o enigma proposto por ela: *“O que é que anda com quatro pernas, depois com duas e em seguida com três?”* Resposta: *“O homem”*. A criança engatinha com quatro pernas, o adulto anda com duas e o velho usa uma bengala.

O enigma da Esfinge é a imagem da própria vida através do tempo: infância, maturidade, velhice, morte. Quando enfrentamos e aceitamos o enigma da Esfinge sem medo, a morte não interfere mais em nós, e a maldição da Esfinge cessa. O domínio sobre o medo da morte é a recuperação da alegria de viver. Só chegamos a experimentar uma afirmação incondicional da vida depois de aceitarmos a morte não como algo contrário à vida, mas como um aspecto da vida. Com essa visão estaremos procurando experiências de estar vivos, de modo que elas, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior do nosso ser e da nossa realidade mais íntima, pois só assim podemos sentir o encanto de estarmos vivos.

A consciência da morte nos faz amadurecer, por isto deveríamos refletir um pouco mais sobre o assombro de termos nascido, e que é tão grande como o espantoso assombro da morte. Assim, nossa sabedoria não será uma meditação sobre a morte, mas sobre a vida. E o nosso tempo será um presente das coisas passadas, um presente das coisas presentes e um presente das coisas futuras. Por esta razão, a vida nunca deveria deixar-nos indiferente.

E ao perguntarmos se a vida tem sentido, o que devemos saber é se nossos esforços morais serão recompensados, se vale a pena trabalhar honradamente e respeitar o próximo, ou se é o mesmo que se entregar a vícios criminosos; numa palavra, se acreditamos em algo mais além da vida ou apenas no túmulo. E mesmo não acreditando em algo mais além, respeitar o próximo e trabalhar honradamente deveriam ser naturais e intrínsecos ao ser humano.

Há um provérbio chinês que diz: “*A morte do corpo é menos dolorosa do que a morte do coração*”. Há também um texto muito importante na filosofia: “*Diálogo de Meneceu e Epicuro*”.

Meneceu - Así es, en efecto maestro, puesto que, según lo que expones, no procede temer la muerte desde que se la exhibe como el no tener sensaciones. Si vivir es precisamente tener sensaciones, si vivir es sentir, no hay razón para temer lo que no se ha de sentir. La muerte, por así decirlo, no se topa con nosotros, o para expresarlo con palabras, para nosotros no es.

Epicuro - Por cierto, Meneceo. El estado de muerte no es susceptible de ser vivido. Aceptado esto, no se ve razón para tenerle miedo. Mientras soy, mi muerte no es, y cuando la muerte es, yo no soy. ¿Cómo ver entonces en la muerte un motivo de temor, querido Meneceo?<sup>6</sup>

A morte não é um acontecimento da vida, não se vive a morte. Se entendermos a eternidade não como duração temporal infinita, mas como atemporalidade, então vive eternamente aquele que vive no presente. A aflição pela morte não é, em absoluto, o mesmo que o confronto com a morte. As pessoas morrem o tempo todo no mundo inteiro; no entanto, como é possível que tão pouca gente tenha sabedoria?

O homem moderno sente-se cada vez mais perturbado. Por que será? Falta de realização pessoal? Não empregou bem o seu corpo? Não ganhou dinheiro suficiente? Não preencheu sua vida de outra forma, com outros valores?

A morte está todos os dias nos jornais e na TV, como espetáculo para dar ibope; portanto, meras estatísticas: é a banalização da morte. Precisamos vê-la de outra maneira e tenhamos cuidado: a vida e a morte não são o que se vê cada dia nos meios de comunicação.

Os antigos sabiam morrer. Elevar-se acima da morte foi o ideal constante de sua sabedoria. Para nós, que nos consideramos modernos e pós-modernos, a morte é uma surpresa horrível.

Na Idade Média vivia-se o sentimento da morte com intensidade única. Soube, porém, com força especial incorporá-lo ao tecido íntimo do ser. Ninguém tentava tramas com ela. Com o Renascimento começa o eclipse da resignação. Daí a auréola trágica do homem moderno, preocupado constantemente com a ciência para suprimir a morte. E o que vemos é um embrutecimento do espírito reduzindo sua consciência metafísica. Emil Cioran afirmou:

Nada revela mejor nuestra decadencia que el espectáculo de una farmacia: todos los remedios que se quiera para cada uno de nuestros males, pero ninguno para nuestro mal esencial, para aquel del que ninguna invención humana puede curarnos.

Como seres humanos dignos, a morte deveria ser assim: um céu que pouco a pouco anoitece, e a gente nem soubesse que era o fim. E como diz João Silvério:

Diante de tudo isto, que Deus me dê a graça de morrer emocionado diante da vida. Comovido com a despedida. Inteiramente encantado com a luminosidade do adeus. Querer morrer sem desolação, lançando ao mundo um último olhar de encantamento, e talvez de compaixão. Porque é tão frágil o mundo. Graças a Deus que a velhice ensina a viver da saudade. E as lágrimas que são tantas também deveriam ser lágrimas suaves, de uma tristeza legítima, à qual temos o direito. Terão o gosto de nossa vida vivida profundamente.<sup>7</sup>

O futuro não é o que vai acontecer, é aquilo que fizemos e fazemos agora, está presente no presente. O passado só tem sentido quando vivo. O verdadeiro passado não é aquilo que não existe mais, é aquilo que conserva um sentido para a nossa vida de hoje. Diz um provérbio da região dos mares Cáspio e Negro: *“Nosso futuro é como os chifres do caramujo; retraem-se quando tocam alguma coisa, e só conseguem ver quando estão completamente esticados”*.

O passado não como algo morto e esquecido, mas como algo que levamos conosco, que fecunda o presente e torna atrativo o futuro. O futuro dizemos que não é nosso porque depende de circunstâncias múltiplas que escapam à nossa decisão. Por outro lado, não devemos considerá-lo totalmente estranho, como se não pudéssemos influir sobre ele, como se tudo fosse imposto desde fora de nós mesmos.

Aceitando isto estaríamos anulando completamente nossa liberdade. E do nosso passado temos que pensar o que disse Alceu Amoroso Lima: *“O passado não é aquilo que passa, é aquilo que fica do que passou”*. Assim, a

nossa memória não será uma faculdade de retenção passiva daquilo que foi, mas a aplicação ao passado de uma vontade de ordem que aplaca dissonâncias, que dissolve e emenda para ele o mal que no passado houvera.

O trabalho da memória é conservar essas prodigiosas coisas e defendê-las do desgaste banalíssimo do cotidiano com garra, porque talvez não tenhamos outra melhor riqueza. Recolhamo-nos a um diálogo interior que tente adivinhar outros diálogos, que preveja perguntas e construa respostas. E talvez as respostas não sejam tão importantes quanto as perguntas. Olhemos demoradamente dentro de nós sem esperar respostas de políticos, economistas. Quieta dentro do casulo a larva prepara-se para virar borboleta.

A memória honrada das coisas bem feitas por muito tempo permanecerá. A verdadeira memória será então ficar na memória daqueles que deixamos pelas boas obras que fizemos. Esta deveria ser sempre a herança a deixar. Permanece eterno o que a memória ama. A morte não chega com a velhice, mas com o esquecimento.

O silêncio que mantemos em relação ao que acontece e aconteceu equivale à morte e esquecimento. Por isto a mitologia grega colocava o rio da Memória (Mnemosine) junto ao rio do Esquecimento (Leteo) porque Morte, Memória e Esquecimento ajustam a tríade primordial da condição humana.

Para os gregos, a Memória era como a mãe de todas as musas. Nesta condição estará sempre junto a Zeus para engendrar as nove musas, começo e origem da experiência humana. A Memória preserva e ensina.

Há pessoas que na vida nunca se enterneceram, nem se emocionaram, nem choraram com outros, nem perderam a razão por gosto, nem disseram palavras doces e aromáticas, nem arrulharam como um pombo todas as vezes que o deveriam ter feito. Se isto aconteceu entre nós, façamo-lo agora, não por arrependimento ou porque deixamos de aproveitar a vida, mas porque isso nos torna plenos, realmente humanos.

Nossos atos são como os alimentos, e os pensamentos e os sentimentos são os temperos. Quem salga ou tempera um doce com vinagre terá problemas.

O tempo, cujos estragos contínuos, segundo a segundo nos vão convertendo em outros sem que o percebamos por causa do nosso trato diário. Por casualidade, ele impede-nos que morramos de tristeza e permite-nos conservar a ilusão de que somos eternos adolescentes, a quem tudo pode ser perdoado.

Percebemos que estamos envelhecendo no cruel e verídico espelho dos outros. E quando nos olhamos no nosso espelho diário, quantos monólogos, quanta habitada claridade sentimos! Depois de conduzir para baixo nossas raízes, chegamos ao lugar de onde partimos: de quem são estes olhos que nos absorvem? Estas marcas de cansaço tão longo? Somos nós mesmos? Como nos veem os outros? Ah, quantas lembranças mescladas na arca confusa da memória! Não somos apenas o instante em que nos contemplamos no espelho.

De outras imagens passadas que recordamos, somos nostalgia e a certeza de outras futuras que adivinhamos. Muitos rostos todos têm, em estantes giratórias estamos, e a cada momento um rosto mostramos, a máscara que levamos como defesa.

Eu tenho 60 anos, 70 anos. Será verdade que os tenho? De que modo: eu os possuo ou eles me possuem? Perco-os ou eles mesmos me perdem? Por que deveria ser a morte a única realidade mortal?

Na verdade, o espelho é um objeto, um instrumento muito útil na teoria do conhecimento. Apesar de todas as marcas e lembranças, devemos continuar sonhando porque o sonho não é apenas uma comunicação e (às vezes uma comunicação codificada), é também uma atividade estética, um jogo da imaginação, e esse jogo tem em si mesmo um valor. O sonho é a prova de que imaginar e sonhar com aquilo que não acontece é uma das mais profundas necessidades do ser humano. O chinês fala que há uma maneira de você adoecer: negar seu sonho. Um ser humano que não se alimenta de sonhos envelhece muito depressa.

Busquemos na arte, na amizade, a força para poder olhar a morte na cara e perguntar-lhe onde está sua vitória. Oh, morte, por que te atreves tanto em nós, que nada somos?

Que os nossos lazeres não sejam de passividade ou de evasão, que não passem de compensações, e sim lazeres ativos, criativos, que sejam a celebração da vida, a criação alegre de uma vitalidade interior a explodir numa leitura, numa dança, num canto, no convívio amigo como símbolos do ato de viver. Assim, “*a vida só é possível reinventada*”, como disse Cecília Meireles.

E quando nosso coração fala, não é conveniente que a razão faça objeções. Somente corações meninos veem coisas indizíveis, dizem coisas invisíveis. E o nosso coração é uma permanente pergunta sem solução.

É necessário convencer-nos de que se vive quando se está sonhando e se sonha quando se vive. Não pode ter esperança quem não tem recordações. É o caminho percorrido que nos dá força para percorrer o que falta.

Que a nossa casa seja o espaço das lembranças, onde mora o nosso coração. Antigamente o sótão era cheio de coisas e a fantasia nos acompanhava sempre. Neste espaço, nosso ser sentia o silêncio e abrigava os sonhos. Da minha antiga casa sinto o calor cor de brasa que vem dos sentidos ao espírito. O homem moderno não considera mais necessária a experiência da memória profunda da recordação. Quem souber escutar a casa do passado terá ecos.

Tenhamos então aquele estado de espírito agradável e sonhador dos dias de chuva em que se escutam melodias nas gotas e assim perseguiremos com prazer velhas recordações.

A vida é uma bolsa elástica onde cabe tudo, até a morte. A vida adquire mais valor quando se começa a comprovar que se está fazendo sua viagem de regresso.

Ultimamente tenho olhado muito para dentro do meu coração. Isso quer dizer que estou maduro o suficiente para não me privar de olhar com persistência para trás. Olho em meu coração e vejo os companheiros e companheiras que nele habitam, e por isso contemos nossos jardins pelas flores, nunca pelas folhas que caem. Contemos nossos dias pelas horas alegres e esqueçamos por completo as nuvens. Contemos nossas noites pelas estrelas, não pelas sombras. Contemos nossas vidas pelos sorrisos, não pelas lágrimas. E alegremente, ao correr do tempo, contemos nossas vidas pelo que fizemos, não pelos anos.

Diz-se que a vida é um vaivém entre a lembrança e a esperança. Portanto, não se improvisa um velho: vai se fazendo desde criança, desde jovem, desde adulto. Afirma Rubem Alves no seu belo livro *“Retorno e Terno”*

Quando se fala em aniversário e digo que tenho 65 anos, este número é abatido pela soma, um a um, dos anos que vão do dia do meu nascimento, em 1940, até hoje. A conta está certa, mas o restante está errado. Pois 65 anos são, precisamente, os anos que não tenho. Sessenta e cinco são os anos que já se passaram, anos com que não posso mais contar e que não mais se acenderão como paus de fósforos riscados. Os anos de uma vida nunca se somam; eles sempre se subtraem.

Assim, a pergunta correta a ser feita num aniversário, não é “quantos anos você está fazendo”, mas antes, “quantos anos você está desfazendo?”. E as respostas, para serem verdadeiras, terão de assumir a forma de “eu não tenho 25 anos”, “Eu não tenho 37 anos”, “Eu não tenho 72 anos”.

Penso que deveríamos inverter o ritual. Na sala escura e silenciosa um fósforo é riscado e uma vela é acesa, vela que nenhum sopro vai apagar, e que vai ficar brilhando por todo o tempo que durar a festa. Com o acender da vela explode a alegria, não pelos anos que foram desfeitos, mas por aqueles à espera para serem vividos. Ao invés de soprar a vela, acender a vela.<sup>8</sup>

De alguma coisa não de valer as cicatrizes. A herança que deixaremos será a lembrança do amor que tivemos aos outros, a luta pela verdade, justiça, liberdade, a tríade bendita que justifica a passagem de qualquer ser humano por este mundo. Assim, seremos como rio feliz a ir ao encontro do mar e desaguar, e em largo oceano eternizar.

Ter presente que a suprema fortuna é saber corajosamente merecer a vida, e a suprema desgraça é covardemente não saber perdê-la. Chorar por dentro será

a única maneira que temos de aliviar e ocultar o desespero. Seremos então como as árvores altas que só resistem ao vento quando têm raízes profundas. E mesmo não encontrando resposta a muitas perguntas da vida, esta será nossa força para continuar andando. E o ponto culminante da vida será a compreensão da vida. Assim, a nossa sabedoria será a arte de empregar bem a ignorância, quer dizer, o adequado uso de nossos erros.

Saber não é dar respostas, mas saber perguntar através das dúvidas.  
Sou uma pergunta.  
Quem fez a primeira pergunta? Quem fez o mundo?  
Se foi Deus, quem fez Deus?  
Por que se morre?  
Por que se ama?  
Por que há infinito?  
Por que existo?  
Por que faço perguntas?  
Por que não há respostas?  
Por que eu poderia perguntar indefinidamente por quê?  
E por que deveria parar de fazer perguntas?  
Por quê? <sup>9</sup>

Somos o efêmero fôlego formado por aquilo que amamos, por aquilo que os amigos e amigas nos amaram e na nossa memória deixaram. Ser velho não será um estigma. Será como a ânfora de barro que já não retém mais a alegria e a espalha para que o cotidiano não seja banal.

Não esperemos nada do mundo. O mundo para a sociedade só tem sentido como espetáculo. Reservemos nossas lágrimas para alguns versos de Dante, Manuel Bandeira, Mario Quintana. Poderemos mudar um pouco o mundo se o contemplarmos com um olhar de emoção ou de compaixão. Sócrates, indagado a que deviam cheirar os velhos, respondeu: “*Ternura, bondade*”.

O humor na velhice também é necessário. “*Bendito aquele que aprendeu a rir de si mesmo, porque sempre estará entretido*”, diz John Powell. E mais, “*se perdes a capacidade de rir perdes a capacidade de pensar*”, diz Clarence Darrow.

Quem se toma demasiado a sério corre o risco de parecer ridículo. Não acontece o mesmo com quem sempre é capaz de rir de si mesmo. Um sorriso é a curva mais bonita no corpo de qualquer pessoa, seja jovem ou velha. Graças ao humor percebemos o irracional no que parece racional; o sem importância no que parece importante.

O humor tem necessidade do contraste: é um duplo olhar sobre os acontecimentos e sobre a vida. Um simples olhar só vê as aparências e produz de maneira inevitável também fanatismo, ou, mais frequentemente, os dois ao mesmo tempo. Para os orientais, transmitir um ensinamento por meio do humor é uma arte, desconhecido para nós ocidentais, marcados por um racionalismo torpe.

Na medida em que nos tornamos adultos, perdemos a relação com o suave, o flexível, com o riso, com o jogo. Aí está o sentido do humor para recordar-nos que crescer e tornar-se adulto não implica que o mundo e a vida sejam só seriedade, que viver não é sinônimo de ausência de humor, ausência do riso e do lúdico, que podemos crescer e guardar a vivacidade, a simplicidade e aprender no humor que somos pequenos nadas, transitórios, finitos.

O sentido do humor é um instrumento necessário para viver e nos permite ter uma visão mais profunda do que acontece ao nosso redor. O humor despoja as coisas do superficial e nos faz ver o mais essencial.

Às vezes nos tomamos muito a sério e inflexíveis com os outros. O humor é uma maneira de superar muitas situações, sem que isto possa supor complacência com a realidade, a injustiça. O riso e o humor podem manter-nos salvos de muitas situações incômodas.

Muitas vezes pelo fato de ser velho vai se apoderando em nós a aparência de indivíduos aparentemente sérios, responsáveis, porém rígidos, secos e inflexíveis.

A importância pessoal, as considerações, a mentira sobre nós mesmos, pouco a pouco nos envenenam e perdemos o sentido do humor como maneira de olhar o mundo.

Amargos, o humor pode ser utilizado de diversas maneiras para a própria importância pessoal: para o engano ou para o ridículo; para atacar ou fazer mal aos outros ou para escapar das circunstâncias com medo de enfrentá-las.

Pelo humor temos um caminho para o conhecimento de nós mesmos que nos dá uma qualidade de vida diferente, sendo mais honestos conosco mesmos.

É preciso aprender a ignorar, a ignorar-se, esquecer um pouco mais as mágoas antigas. Ver apenas, falar apenas com o silêncio e assim a solidão em nós será sonora. Estamos sós, fomos sós e seremos sós. Serei ativo no ato do meu nada que sou. Compreenderei que a vida pode diminuir de ser, mas aumentar de intensidade. Seremos apenas uma solidão a ser curada. A solidão é o revelador fundamental do valor profundo de toda a sensibilidade humana.

Esse ritmo de vida que hoje sentimos submete e destrói o nosso ser íntimo e ao mesmo tempo o reergue. A solidão é necessária para colocar-nos diante de nós mesmos e fazer-nos mais íntimos. É precisamente nas coisas mais profundas e importantes que estamos indizivelmente sós. Assim estaremos maduros como a árvore que não apressa a sua seiva, e enfrenta, tranquila, as tempestades. Amemos essa solidão verdadeira! Com certeza a beleza nascerá. Gozar e não morrer de contentamento. Sofrer e não ser vencido na dor: oh, que exemplar serenidade de gozo e que serenidade de sofrimento!

Viver as perguntas num dia, e no outro as respostas. Se não vierem as respostas, são as perguntas que nos fazem andar, e os nossos caminhos terão janelas e portas para a aurora. Lá fora haverá andorinhas sempre, e dentro de nós ternuras que pedem olhares. Ficaremos comovidos pela bela preocupação com a vida e estaremos alegres no silêncio. Que seria da solidão que não tivesse grandeza?

Prestemos atenção a tudo que nasce dentro de nós. Os acontecimentos interiores merecem todo o nosso amor. Qualquer inquietação, dor e melancolia trabalham no nosso aperfeiçoamento de nossa alegre substância.

Se quisermos ser imortais, sentemo-nos debaixo de um parreiral, de laranjeiras ou de ciprestes e pinheiros, árvores perfumadas pelo canto dos pássaros, vislumbremos ou recordemos aqueles dias de liberdade no passado de nossa infância, na sombra dessas árvores, talvez o amor perdido ou proibido, as vozes felizes soando onde brincávamos. Lembremos aquela menina ou menino que foi nosso sonho e que esteve à espera de nossa ternura e desejo. Lembremo-nos daquela mulher ou homem que um dia acenou de forma admirável do alto de uma varanda, mas sem nome e que numa tarde nos disse adeus, ou daquelas que estremeceram só pelo olhar enquanto junto a nós balançavam-se.

Na infância, imaginar uma mulher era quase um ato de fé. E muitas vezes na palma da tempestade aprendíamos o alfabeto da ternura. Lembremo-nos de quando ficávamos na varanda à espera da Lua chegar ou quando íamos para o campo assistir à germinação da semente e a menina de nosso sonho, cabeleira solta ao vento. Lembremo-nos das nossas respirações em suspenso, das longas confidências no jardim de magnólias ou das pandorgas empinadas frente ao arco-íris querendo atravessá-lo de braço dado com a menina ou menino de nosso sonho! Se quisermos ser imortais, lembremo-nos dos dias azuis. Sentemo-nos frente à aurora e construamos de novo a casa que é a chama onde nossas lembranças reduzem-se a cinzas. Seleccionemos de nosso passado um instante feliz, queimemo-lo nas nossas pálpebras com a luz do Sol do meio-dia, e se com ela lográmos esculpi-lo como um diamante, então seremos já imortais. Alain Saury diz:

No se dura un año, o veinte o cien años se dura un solo instante y asumirlo como es nos hace entrar de inmediato en la eternidad. Con todo, la muerte es la compañera fraternal de toda nuestra vida que nos hace sentir el gozo por la conciencia de la precariedad.<sup>10</sup>

Fazer 60 anos ou mais é fazer catálogo de esquecimentos, ruínas e alegrias. Conforme os anos passam, multiplicam-se os juízos que nos julgam; conforme os anos passam, com menos vozes dialogamos. Vemos o Sol com outros olhos e tudo o que nos rodeia. E o poeta Oscar Bertholdo diz: *“A velhice é um jarro tão frágil de alegrias, tão cheio de ocasos”*.

Da vida só levamos o que ficou gravado em nossa mente, em nossa memória. E na memória só se gravam as emoções e os sentimentos. E então, *“iremos para a morte como para uma festa ao crepúsculo”*<sup>12</sup>, como disse Fernando Pessoa.

Não morrer - mas ser colhido pela morte,  
Ser colhido, porque maduro, para o silêncio.  
Não morrer - mas pender para a morte,  
Como as frutas que, tocadas pelo tempo,  
Inclinam-se para o único chão.

Não morrer - mas estar com a morte ampla e serena  
Nos olhos, no coração e no corpo e na alma.  
Estar para o fim, maduro como as amoras de vez,  
Como as amoras da montanha.

Sentir em si a harmonia dos últimos passos  
E o consolo dos olhares que não querem mais ver.  
Ser levado pelas mãos da morte  
E estar com a morte em si, como a esperança,  
Como a única esperança.  
(Augusto F. Schimidt)

Mesmo que não a compreendamos, aprendamos a aceitá-la e assim estaremos no caminho da arte de morrer como festa do adeus, rodeados de amigos próximos e verdadeiros.

Para os sábios das culturas primitivas, a morte de um ancião de uma tribo significava como um incêndio de uma biblioteca para os ocidentais. Na África Negra, a oralidade é antes de tudo uma forma de entretenimento, e nelas não existe necessidade de dotar-se de um sistema de escritura. A transmissão do sentido comum de sua história é feita por meio dos anciãos.

Entre os índios, o governo não é exercido de forma absolutista por um único indivíduo, mas repartido entre o cacique, o pajé e um conselho de velhos sábios da tribo.

A relação entre homens e mulheres é muito mais igualitária do que qualquer outra sociedade.

As pessoas velhas deveriam ser hoje as grandes contadoras de histórias. Isto representa seu valor: transferir experiências. Elas têm dentro de si todas as idades. A curiosidade, surpresa e a admiração que formaram a infância; o entusiasmo, a generosidade e o ímpeto que formaram a juventude; a reflexão, a ponderação e a serenidade que formaram sua maturidade.

Meus avós disseram-me e os meus pais confirmam que as rugas são só marcas da dor e da felicidade. Percebo que seu tempo é íntimo e qualitativo, que a sua relação com a morte e a natureza é mais tranquila. Meus avós, para

poder viver, sentiam necessidade de contar suas histórias, saber que adquiriram pelo olhar e pelo corpo.

Ensinaram-me que a vida não é um *curriculum vitae*. Que a vida escapa ao documento, a qualquer certificado de existência ou de identidade. Que a vida é perturbadora e subversiva. Que a vida é mais perguntas que respostas. Que o saber não se ensina. Que não se deve ter medo e que muitas vezes se deve rir da própria vida, rir igual a chorar. Meus pais não me transmitiram somente a vida, confiaram-me uma bagagem tão lentamente acumulada no decorrer dos anos, o patrimônio espiritual que eles mesmos receberam e construíram.

Miguel Torga, escritor português, ao completar 83 anos, disse:

O calendário não mente. Nem o meu corpo. Todo ele é um mostruário de velhice cansada. O espírito é que se mantém, ou parece teimosamente vivaz. E Deus o conserve assim, e ele me conceda a graça de assistir com lucidez a minha rendição.

Ser jovem não é só ter vinte anos no corpo. É tê-los também, intemporalmente na alma, em cada instante rendido ao milagre permanente da vida e pronta a enriquecê-la. “Envelhecer” não é para covardes. E morrer, muito menos.<sup>13</sup>

Ao envelhecer descobre-se que se vive profundamente se estivermos emocionalmente vivos, se somos curiosos, abertos às mudanças, às novas esperanças. O envelhecimento detém-se. Não é algo cronológico, mas psíquico. Só devemos conhecer a idade de nossa alma. Só assim estaremos sempre emocionados, próximos sempre da bondade humana.

Viver é expandir, é iluminar. Viver é derrubar barreiras entre os seres humanos e o mundo. Viver é compreender. Saber que muitas vezes nossa jaula somos nós mesmos, que vivemos polindo as grades em vez de libertar-nos delas. Viver é procurar e descobrir nos outros sua dimensão universal e única. Não podemos viver permanentemente grandes momentos, mas podemos cultivar sua expectativa. A gente só é o que faz aos outros em consequência dessa ação.

A vida consiste num árduo equilíbrio entre a lembrança e o esquecimento. Viver é encontrar quando nada se procura.

Esta sociedade não nos ajuda a envelhecer bem, e o termo “terceira idade” é apenas uma invenção para o aumento consumista. O conceito de *terceira idade* é falso, nada mais é do que um coletivo estatístico que o querem converter numa classe social. Seria como organizar uma comunidade de ruivos de 1,80m. Pelo fato de ser velho não há por que ter tudo em comum. A “terceira idade” é um produto típico da sociedade capitalista de consumo. Criam-se centros de aposentados ou de festas e bailes que não são nada mais que guetos onde os velhos só se relacionam entre eles e onde o importante é

entretê-los. Em consequência, os velhos aparecem como ociosos que apenas se dedicam ao turismo, aos bailes, onde realizam o que lhes manda o animador. Tudo isso é muito triste.

Ser velho às vezes nos possibilita mais serenidade e paciência. Em ocasiões possibilita mais lucidez porque se vê as coisas, os acontecimentos não com os olhos do presente, mas com os do passado. Quando se é mais velho há a possibilidade de acertar mais sobre o futuro.

A sociedade capitalista diz preocupar-se em prolongar a vida e, no entanto, no final da mesma a empobrece, a deixa inquieta. A maioria dos seres humanos envelhece de forma estúpida, os animais de forma discreta. Hoje não se tem a idade do coração ou da pele, mas a idade daquilo que se compra e se consome.

A natureza nos dá o rosto que temos aos 20 anos; cabe-nos merecer o rosto que temos aos 60 ou 70. Nosso rosto é a nossa biografia. Sabemos que as rugas do coração e da alma são mais difíceis de apagar.

Precisamos perguntar continuamente se ainda não envelhecemos por dentro. Por isto queremos viver até a velhice mais extrema. Velhíssimos até sermos confundidos com árvores mais próximas da terra. Dessa maneira a idade transfigura-se; caso contrário, petrifica-se.

Quando se é jovem, a esfinge que nos interpela na entrada das Tebas do mundo é sempre uma mulher. Na velhice é ainda um vulto feminino, mas sinistro, vestido de negro e de foice na mão.

Envelhecer é aceitar limites, dar-se conta daquilo que somos, do que podemos ser, ou melhor, do que não podemos ser, sobretudo. Pelo que sentimos e pressentimos, não é ser velho que custa: é transitar para a velhice.

Estar nas profundezas da tristeza é experiência tão importante quanto ficar exuberantemente feliz. A verdadeira generosidade para o futuro está em dar tudo para o presente. Se formos capazes de celebrar o que somos e temos agora, mesmo enquanto estamos lutando para abolir o “*agora*” a bem de um “*ainda não*” melhor, o tornaremos mais rico. Quem não tem futuro não tem passado. A memória é força rejuvenescedora, antimelancólica. Há algo de intrinsecamente belo no ato da lembrança. No dizer de Rubem Alves:

Se há um tempo de nascer, há também um tempo para morrer. Que o último momento seja belo como um pôr do Sol, longe do frio elétrico metálico das máquinas. A modernidade transferiu a morte do lar, lugar do amor, para as instituições, lugar de poder, dinheiro.

A vida é uma criança. Brinca pela manhã, trabalha ao meio-dia, ama pela tarde. Mas chega a hora do crepúsculo, a hora do cansaço. Que triste não poder descansar.

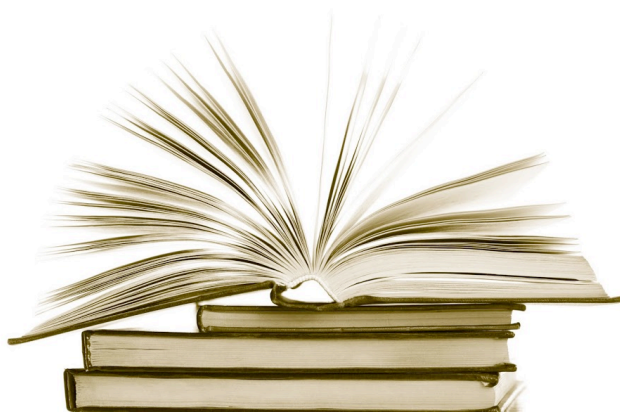
Ah, os velhos! Estremecido fico ao olhá-los e adivinhar o que foram e o que desejaram ser! E adivinhar como ficaram: uns descartados, colocados onde está tudo o que sobra: o lixo. Disse Isadora Duncan:

Na morte não quero nenhuma dessas palhaçadas que fazem da morte um horror macabro em vez de uma exaltação. Que magnífico o gesto de Byron queimando o corpo de Shelley numa fogueira à beira-mar e lançar suas cinzas no mar, ou espalhar as cinzas num jardim, como pediu Lou Salomé. Os funerais modernos são de uma fealdade bárbara.

Muitas vezes a idade vai fazendo avanços por dentro. Não são os anos que contam, mas a intensidade da luz que carregamos por dentro.

Criar é uma forma de espantar a velhice, a feiura. Até escrever é possível aos 90 anos. Escrever é criar sonhos. Escrever para deter o tempo. Escrever para não morrer e suplantar a realidade tão banal e que sufoca nossa criatividade.

Na sociedade dá-se muito valor à força física, à destreza. Define como eixo fundamental a produtividade, excluindo conseqüentemente os velhos. Presenciamos continuamente na TV o culto e a apologia da beleza e da força. Resultado: a desvalorização da sabedoria da idade e a má reputação de todas as formas de autoridade (inclusive a autoridade da experiência). Sabemos que os valores que a sociedade impõe, como a beleza, a celebridade e o poder, declinam com o tempo.



A sabedoria é um dos poucos consolos da idade. Esse valor real acumulado pode ser passado às futuras gerações. Nossa sociedade, no entanto, perdeu ou não quer mais esse conceito de sabedoria e conhecimento. Não lhe dá lucro. A constante mudança tecnológica torna o conhecimento obsoleto e, em consequência, intransferível.

Muitos velhos podem até não entender de internet, de computador, mas seu coração, sua memória, suas ressacas da alma, o bem que fizeram são muito maiores, porque a memória é essencial para a humanidade.

Sem memória não há identidade. Aquilo que a memória ama permanece eterno, como afirma a poeta Adélia Prado. Possuir o tempo da memória é a mais bela capacidade, é o fio de Ariadne que nos salva da dor, da incerteza do labirinto, e devolve-nos para a alegria de viver. Essa é a nossa beleza e nossa

verdade, que nos permite olharmo-nos no espelho com toda a serenidade e dizer que temos a idade do mundo.

### Notas bibliográficas

1-Norberto Bobbio - *De senectude y otros escritos autobiográficos*. Madrid: Ed. Taurus, 1997.

2-Bruna Lombardi - *Diário do Grande Sertão*. Rio de Janeiro: Ed. Rio Gráfica, 1986.

3- Delmino Gritti - *Sobre o livro e o escrever*. Caxias do Sul (RS), Ed. Do Maneco, 2002.

4- Adélia Prado - *Poesia Reunida*. São Paulo: Ed. Siciliano, 1999.

5- Clarice Lispector - *A Descoberta do Mundo*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1992.

6- José Echeverria - *Aprender a filosofar preguntando con Platón, Epicuro, Descartes*. Madri: Ed. Anthropos, 1997.

7- João Silvério - *Ana em Veneza*. São Paulo: Ed. Best Seller - Círculo do Livro, 1994.

8- Rubem Alves - *O retorno e Terno*. Crônicas. São Paulo: Papyrus Ed, 1992.

9- Clarice Lispector - *A Descoberta do Mundo*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1992.

10- Alain Saury - *La vida autosuficiente- revivir con la naturaleza* (2 vols.). Barcelona: Ed. Blume, 1987.

11- E. M. Cioran - *El libro de las Quimeras*. Barcelona: Ed. Tusquets, 1996.

12- Fernando Pessoa - *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Ed. José Aguilar Ltda, 1960.

13- Miguel Torga – *Diário - vol. XVI- 1941-1993*. Portugal, Gráfica Coimbra.

Data de recebimento: 24/02/2013; Data de aceite: 22/03/2013.

---

**Delmino Gritti** - Licenciado em Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul. Livro publicado: *“Matrícula”* (poesia) junto com Oscar Bertholdo, Jose C. Pozenato, Jayme Paviani e Ari N. Trentin (1967). Filme (curta) *“Hoje o susto eletrônico”* no festival de cinema do Jornal do Brasil (1969) - dirigido por Alpheu Godinho; roteiro e argumento de Delmino Gritti. Prêmio de poesia n°. 38° Concurso Anual de Caxias do Sul, (2004); Prêmio do Fundoprocultura de Caxias do Sul com o livro *“Dos tijolos da Suméria aos megabytes pós-humanos do terceiro milênio”* (2006); Prêmio do Fundoprocultura de Caxias do Sul com o livro *“Conc(s)ertos em dó maior para as perdas do espanto”*. (poesia). (2008)

Complementa o currículo com uma proposta de espaço pessoal num contrapaís de um metro e setenta e três quilos de peso situados entre a terra e o mar. Possui um PIB de dois salários mínimos, investidos em alimentos para o estômago, para o cérebro e em custos de moradia. Meus antepassados (os avós) provenientes da longínqua Itália foram instalados no meio de uma mata cheia de animais ferozes. Sobreviveram com muita dor e trabalho. Em mim esta marca continua intacta porque me conduz até as raízes. Email: [delminogr@gmail.com](mailto:delminogr@gmail.com)

*“Vivendo, se aprende. Mas o que se aprende mais é fazer outras maiores perguntas”* (Guimarães Rosa).